

Hoje....

Maio... Primavera... Alegria...

E neste mês risonho completa o Instituto mais um ano de existência feliz.

É esse aniversário que nós com imenso e justificado júbilo festejamos hoje, tentando dar a esta festa o seu máximo fulgor para que dela possamos ficar com a mais grata das recordações.

Para nós, pupilos, nada mais grato será do que ver todos os nossos esforços recompensados em prol da casa que nos tem dado a educação e a quem confiamos a nossa formação.

Será ela que fará de nós homens úteis à Pátria e à sociedade.

Não há dúvida que são maus os tempos presentes: a humanidade só pensa em exterminar-se, empenhando-se numa luta sem tréguas, mas, Portugal, alheio a esse horrível cataclismo, procura, admirado e talvez invejado por tantos, construir a sua própria felicidade, assegurar a sua própria grandeza.

É de homens bons que Portugal precisa para prosseguir nesta tarefa sem igual, e, são esses homens que hoje nesta casa se fazem, procurando cumprir para com a Pátria os seus mais sagrados deveres.

Em todos nós reina toda a boa vontade que sempre foi peculiar ao Instituto, e, dirigidos por um "Homem" que nos tem proporcionado todas as atenções e carinhos, em volta dele nos reunimos para melhor podermos empreender a honrosa tarefa de manter e inalterar o nobre nome do Instituto. Tão digno é ele de toda a nossa admiração quanto sincera é a nossa gratidão.

Nada mais quizermos do que atingir o lugar que nos compete para prosseguir na difícil e longa tarefa de preparar homens. A Pátria precisa de nós, e, é para a servir que lutamos. Reunidos em volta do nosso Chefe, Portugal continuará a manter através dos tempos as suas mais belas e nobres tradições históricas.

Que neste dia, para nós restivo, cada um cumpra o seu dever de português e pupilo, será o único pensamento de todos nós.

Este dia passará e o Instituto prosseguirá na mais nobre das tarefas: educar os filhos daqueles que, tudo desprezando, tombaram para sempre nos campos de batalha em defesa da sua Pátria.

JOSI ALFA.



SALVE!

O sol que, já votava ao desmazêlo
A sorte cá da terra, pobrezinha,
Espreita hoje lá do alto muito belo
Com um fulgor que dantes nunca tinha.

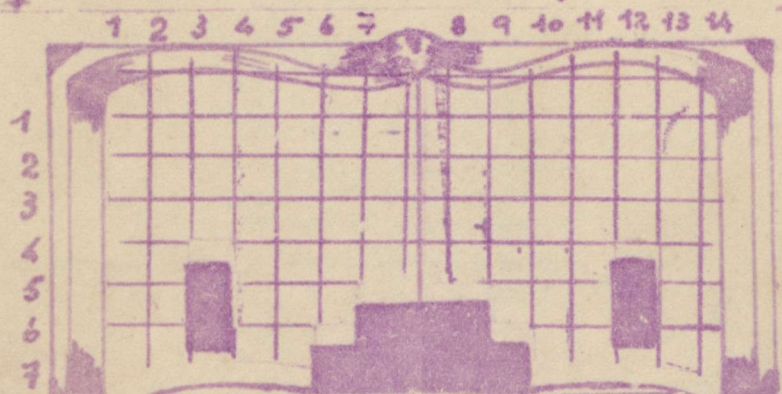
A luz qu'êlé irradia é como um elo
Qu'ostenta a altiva fronte duma rainhal
E posso até dizer qu'ê um modêlo
Pr'os que já poudes ver na vida minha.

Razões e muito fortes deve haver
P'ra tam garboso estar,... e êste dia
D'entre tantos êle logo vir escolher!

Ê que há trinta anos hoje... que sem igual
Ê muito linda, uma flôr já nascia
No viçoso canteiro de Portugal.

SEPO

- QUEBRA CABEÇAS -



HORIZONTAIS: 1-Grande estadista; presidente. 2-Enche de mataduras um animal; torna pantanoso. 3-Deus grosseiro dos selvagens; funções do veôor. 4-Rectimina; fortificar por meio de muro. 5-Expõe ('): consoante de montra; fome; 2 consoantes. 6-Utensílio; anagrama de alo; três co. ites de namorar; vogais de essa. 7-Arpoas; nivelai (forma antiquada, inv.).
VERTICAIS: 1-Governador de uma satrapia. 2-Reduzir a moedas. 3-Cara; consoante. 4-Ausência de arte; 5-Árvores medicinais. 6-Desembaraça. 7-Endireitar. 8-Procure. 9-Pear. 10-Aborrecer (inv.). 11-erra de mouros. 12-Valor, sem uma vogal. 13-Familia de plantas segundo Jussieu. 1'-Amachucar.

Major Rial Verre

ELECTRICA

Se pula pode partir a primeira vertebra cervical.

SINCOPADA

Vês a cidade pela argola? 3-2

TRANSPOSTA

O rebedor roou o recibo do tributo. 2

SALTITANTES

- 1+2+3+4+5=Pula
- 3+2+4+5+1=Caixas de folha
- 2+3+4+5+1=Têm altura
- 4+5+3+2+1=Para limpar botões
- 2+4+3+5+1=Colecção de mapas geográficos

Major Rial Verre

DIZ-SE E PENSA-SE NO MUNDO

QUE o primeiro emprego do já considerado e famoso José Nolasco, no Instituto foi o de guarda-noturno.

QUE o antigo "baêta" do I. P. E., foi nomeado presidente efectivo da grande Associação do Calhau.

QUE a partir de hoje o arroz com bôdo ne a a constituir a base da nossa alimentação.

QUE o já referido José Nolasco transportu noutros tempos, na tipoia de que êle era cocheiro, a Severa e o conde Marialva.

QUE o conhecido Snr. Dr. Dagoberto Guedes foi atropelado por um camião quando praticava o desporto de papar mósca.

-Resposta a Josi Alfa-

Li, no último número do "Aranhico", o seu artigo intitulado "Progresso".

Li-o, creia, com um interesse que muito raramente costumo dedicar a artigos tão vastos. A paciência, em mim, não é uma virtude.

V. termina o seu artigo englobando-o numa pergunta final tão sugestiva que, quasi por si só, me impele a responder-lhe.

Que mais me conduz a isso? As suas palavras desembaraçadas e eloquentes? A atúcia que elas revelam? Algum reflexo do pseudónimo, um tanto misterioso, com que V. se encobre? Não sei, confesso!

Pergunte V. se "aquilo" será o progresso.

Evidentemente que sim, a julgar por nós!

Negaré V., porventura, que Portugal, dentro duns certos limites de relatividade, é um país civilizado?

O, não tenha dúvida. Portugal é um país civilizado!

E, todavia, foi sobre lutas, guerras, sangue, dor - sólidos alicerces para a constituição duma nacionalidade - que Portugal não só firmou a sua independência mas também alargou os seus territórios!

Que importa o sacrifício de mil se esse sacrifício assegura a existência de um milhão?

Os nossos antepassados sacrificaram-se por nós; justo é, pois, que nos sacrificuemos pelos vindouros.

A guerra não é, como V. julga, uma consequência do progresso. A dependência entre estes dois factores é uma verdade mas, a relação entre eles existente não é a que V. indica.

Também não é, muitas vezes, o pretexto de ambições; é uma necessidade.

Nela, apesar do horripilante do seu espectáculo, há uma certa beleza e até mesmo se tem evidenciado a sua tendência para progredir.

Quão diferente não é a guerra do hoje século do aço, da guerra primitiva, f a golpes do tosco machado de sílex!

Quanta ciência foi necessário pôr ao seu serviço para alcançar este tão elevado grau de perfeição!

A guerra, abstraindo-nos, como é óbvio, do seu lado destruidor, é, mais que tudo, uma Arte!

Não julga, pois, que isto é o progresso?

DINO

... demos metade do mundo á outra metade, e produzimos uma verdadeira revolução no comércio.

-COIMBRA-

Teu nome traduz beleza, sentimento, amor e ciencia.

Insua Atenas. Levantas-te no monte arguinoso; altiva parecendo um presépio de Deus.

Tens o Choupal plantado de lindas e sumptuosas árvores onde os passerinhos repousam durante a noite para descanso da fadiga, por que muito cantaram espalhando canções que te perfumam, que te embelesam.

Quem de noite olha para ti sente orgulho em contemplar-te. Ao longe o Mondego desliza pela fina areia de prata - são lágrimas de D. Inês.

Saúdades sente quem te deixa, saúdades dominam quem te não pode ver.

Cidade de Coimbra - Foste o berço dos homens que pela sua raça, heroísmo, arrojo, orgulharam a pátria portuguesa.

Como és belasentre as mais belas. És um reino de fadas onde se escutam canções amorosas, acompanhadas por ternas melodias e pelo chorar das guitarras que traduzem o sentimento daqueles que amam e sempre amaram a terra portuguesa.

Em que data apareceste? És muito antiga e sempre nova.

E pareces mesmo um botão de rosa que sempre desabrocha!

M & T

-EMBRIAGUÊS-

Lenda arabe

Os arabes indicam pelo seguinte modo as quatro fases principais da embriaguez:

Quando Deus plantou a vinha, Satanaz regou-a com sangue de pavão. Quando apareceram as primeiras folhas, Satanaz regou-as com sangue de macaco. Quando se formou o fruto, a rega foi com sangue de leão. Quando a uva se tornou completamente madura, a rega foi com sangue de porco.

No primeiro grau de embriaguez o embriago amita o brilho do pavão; no segundo as mamicas do macaco; no terceiro a furia do leão; e no quarto a sonolência e imundície do porco.

-Pensamentos-

Não falemos mal dos nossos inimigos porque são os únicos que jamais nos enganam.

A mulher é o ser mais perfeito entre as criaturas humanas; é uma criação transitória entre o homem e o anjo.

Honoré de Balzac

15 mulher comerciante

Na evolução titânica do tempo, os direitos e, os benefícios, que a mulher tem arrebatado ao homem, são inúmeros.

Na antiguidade era a escrava; Roma e mai do direito elevou-a mais, e quasi eriou a sua personalidade e esta, subindo, de nível, veio não só revolucionar a vida conjugal, mas também a da própria sociedade.

Por isso nos nossos dias nós vemos as mulheres entrarem, em todas as carreiras e profissões, que antigamente constituíam a única pertença do homem, contribuindo com um expoente elevadíssimo para avolumar a percentagem do desemprego.

A mulher comerciante pode ser estudada sob vários aspectos sendo o da responsabilidade o que mais cuidado requere, por ser de importância fundamental no crédito comercial, como na vida dos cônjuges, se ela é casada, e, por tais razões, procurei fazer sobre elle uma exposição clara, mas breve. Exposição que não é mais, que a compilação de alguns compêndios acrescida de notas que eu considero necessárias.

Diz o Cód. Com. no art.º 72: "Toda a pessoa nacional ou estrangeira, que fôr civilmente capaz de se obrigar, poderá praticar actos de comércio em qualquer parte da nação, nos termos e salvo as excepções do presente Código". Dequi se conclui que, se uma mulher tiver capacidade civil também a tem comercial; então vejamos o que o Cód. Civ. nos diz acerca de capacidades. No seu art.º 1º dispõe que todo o homem é susceptível de direitos e obrigações, sendo nisso que consiste a sua capacidade civil.

Então a mulher poderá ser comerciante, pelo menos a solteira em face do exposto, o que já não acontece com a casada, porque do casamento resulta uma incapacidade social que traz limitações importantes à capacidade dos conjuges e é natural tal facto, por isso que a ligação de duas pessoas, com individualidades distintas as transforma para assim dizer numa entidade una - o casal, com interesses comuns e com bens, a maior parte das vezes também comuns (casamento segundo o costume da nação).

Ficando os conjuges incapacitados pelo casamento de individualmente praticar alguns actos, é certo que a incapacidade atinge em maior grau a mulher do que o homem. O privilégio que o homem tem em relação á mulher explica-se pelo facto de elle ser o chefe de família incumbido-lhe a obrigação de defender a pessoa e os bens de sua mulher e de seus filhos. Consigna a lei especialmente que a administração de todos os bens do casal pertence ao marido e só pertence á mulher se falta ou no impedimento deste. Esta é a razão que devem ser dados mais amplos poderes ao marido, para que a sua missão de administrador seja em parte facilitada.

O marido necessita de um modo geral da aprovação da mulher para alienar (vender, doar, etc.) bens imobiliários para poder recorrer aos tribunais e para elles ser chamado em questões de propriedade dos referidos bens. Se a mulher, sem causa justa, se negou a prestar o seu consentimento ou se por qualquer motivo a não poder dar, o juiz poderá suprir a falta do consentimento. Em face das considerações expostas, podemos concluir que, o marido, pode sem dependência da autorização da mulher, adquirir bens imóveis, comprar ou vender bens móveis, praticar qualquer acto civil ou mercantil.

A autorização dada pelo marido (a qual pode ser por palavras, por escrito, ou por factos donde ella necessariamente se deduz) deve ser especial para cada um dos actos, que a mulher pretenda praticar, excepto sendo para o exercício do comércio pois neste caso permite-se uma autorização geral, exarada em documentos sujeitos a certas formalidades (C. C. art.ºs 1194, 1195 e 1196).

Em virtude desta autorização geral para a mulher exercer as funções de comerciante, ella poderá, sem ser preciso consultá-lo, não só empenhar e hipotecar bens, como também estar em juízo, desde que todos esses actos sejam resultantes ou se relacionem com sua actividade commercial (C. Commercial art.º 16.). Mas o C. Commercial art.º 16 § unico diz que: a mulher casada não pode associar-se commercialmente assumindo responsabilidades illimitada, sem autorização especial do marido. Por este art.º se vê, que há uma excepção, não bastando, por conseguinte, a autorização geral para se associar assumindo responsabilidade illimitada, mas só o podendo fazer com autorização especial do marido.

Do que acima fica exarado se conclui, que a mulher commerciante não constitua uma simples rubrica, mas um assunto dos mais palpitantes que muito tem preocupado a atenção e estudo dos modernos commercialistas.

DESENH.

LEITORES

Colegas:

O número especial que lhe prometemos para comemorar o aniversário do nosso Instituto, não pôde ser feito como era nosso desejo em virtude de imprevistos que a tempo se não poderam remediar.

Lastimamos deveras este facto, mas brevemente outro número virá substituir a quele que hoje não pode ser melhor apegar-dos esforços empreendidos.

A todos, as nossas desculpas.

A REDACÇÃO.